

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

OBSERVAÇÕES SOBRE O ATO SUICIDA

André Ehrlich

(Trabalho apresentado na BFC em 23 de junho de 2015 por ocasião do Evento “Diálogos Psicanálise e Medicina.”)

Em 1974, por ocasião de sua entrevista à televisão francesa, Lacan declara que o suicídio é o único ato bem sucedido. Em nossos tempos, em que o sucesso assume valor de imperativo categórico, tal afirmação pode até soar como uma apologia ao ato suicida. Isto certamente a declaração não é: basta contextualizar. Citando a declaração junto com algumas frases anteriores temos: “Saiba apenas que por várias vezes vi a esperança – aquilo que se chama os róseos amanhãs – levar ao suicídio, pura e simplesmente, pessoas a quem eu prezava tanto quanto a você. E por que não? O suicídio é o único ato capaz de ter êxito sem qualquer falha. Se ninguém sabe disso, é por partir da prevenção de nada saber” (Lacan 2003, p. 541).

Não é uma apologia, mas certamente a declaração tem valor de provocação: nos incita a pensar o ato, seu sucesso ou insucesso e o que a psicanálise tem nos dizer deste ato de caráter definitivo, sem a reaparição do sujeito.

Todo suicídio é um ato bem sucedido? Certamente não! Há os suicídios, por exemplo, que resultam do que poderíamos chamar de imperícia. A intenção do sujeito não seria a de propriamente dar fim a sua vida, mas seu ato resultou em sua morte.

Iniciemos a discussão em torno do ato suicida por um exemplo de Freud, justamente um que poderia ser entendido como resultante de uma imperícia. Em ‘Psicopatologia da Vida Cotidiana’ Freud nos relata o caso de uma Senhora Z que morreu atropelada por uma carruagem de aluguel em Berlim. O que interessou Freud foi o relato feito pelo noivo dessa jovem. Um amigo deste noivo havia acompanhado a jovem até a esquina da igreja onde ela assistiria a missa e se despediu dela dizendo: “Daqui a rua é totalmente *übersehbar* e você não terá dificuldades em atravessá-la”. A questão gira em torno do verbo alemão *übersehen*. Este pode tanto significar ‘um olhar global, uma visão do todo’, quanto ‘olhar por cima de modo que

algo passe despercebido’, como um não olhar sem querer/querendo. A captura do sujeito pelo segundo significado é o que foi fatal à jovem mulher. Para Freud esse suicídio aparentemente acidental é da ordem do ato falho (*Fehlleistung*), uma formação do inconsciente. Ou seja, haveria um propósito de autodestruição inconsciente que emerge por ocasião do *übersehbar*, do não ver sem querer/querendo, do passar despercebido. O que não se estaria vendo fica claro ao noivo esclarecer a Freud que o noivo anterior da Sra. Z morrera na guerra e este noivo, segundo relatos da própria Sra. Z, jamais seria capaz de ser substituído. A nível da emergência do desejo inconsciente um ato falho é bem sucedido, mas deixemos para mais adiante se a nível do ato podemos afirmar o mesmo.

O exemplo clássico de ato é a travessia do Rubicão por Julio César. Se considerarmos puramente a ação de atravessar o Rubicão, não é grande coisa. O Rubicão não é o Rio Paraná, se assemelha mais ao Nhundiaquara, quase um filete d’água. O que fez desta travessia um ato é a marca da transgressão. Lembremos que na época do império Romano era proibido a entrada de qualquer legião do exército nos limites da Itália e foi isto que fez Julio César. Todo ato verdadeiro comporta uma ultrapassagem, ultrapassagem de um código simbólico, de uma lei. Deste modo não há ato sem o Outro, pois é o Outro que delimita o que é da ordem do ato. Vamos um pouco além: para se constituir como tal, o ato precisa ser testemunhado e recebido pelo Outro. O exemplo da travessia do Rubicão nos mostra também que, como efeito do ato a alteridade que o Outro representa está sujeita a se transformar, assim como o próprio sujeito.

O ato, assim, é um fato que se inscreve como significante. Contudo, o correlato significante não dá conta “do todo” do ato, pois há nele algo que não se deixa apreender pelo significante. Este algo, não apreensível, não permeado pelo significante, seria a própria ocorrência do ato, sua existência como tal. Lacan o denomina “face de ato”. O significante inscreve o ato, faz e refaz seu sentido, mas não dispõe do fato de ele ter ocorrido, somente pode atenuá-lo, disfarçá-lo, ressignificá-lo, etc. Não se trata, porém, de dividir o ato em uma face significante e uma face ato, mas sim marcar que há um aspecto do ato que não se deixa

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

reabsorver ao seu valor significante. Todo ato, ao mesmo tempo que tem uma dimensão significante, enceta um corte real.

Antes de darmos prosseguimento neste breve percurso em torno do ato sem falhas, uma ligeira anedota. Faz quase duas semanas, no seminário que mantemos às quartas feiras, me perguntaram se valeria a pena virem aqui, na noite de hoje, pois não estavam certos que entenderiam algo da discussão. Eu respondi que tentaria reduzir ao máximo o uso de conceitos lacanianos de modo que todos interessados no tema de hoje, familiarizados com a psicanálise laciana ou não, pudessem participar da discussão. Por que conto isso a vocês? Porque resolvi atenuar, ressignificar o ato de ter dito o que disse. Ao redigir a fala de hoje percebi que não conseguirei deixar inteiramente fora dela o resto que Lacan considera fundamental para a manutenção do discurso, ou seja, o objeto 'a'. Tentarei fazer com que a aparição de seu conceito não se confunda com o próprio, ou seja, farei uma tentativa de manejo da angústia.

Em seu seminário de 67-68, 'O Ato Analítico' Lacan diz; "O objeto perdido inicial de toda gênese analítica, esse que Freud martela em toda sua época do nascimento do inconsciente, ele está aí, esse objeto perdido, causa do desejo. Teremos que vê-lo como no princípio do ato" (LACAN, 1967-68, 10/01/68). Já no seminário "A angústia" (1962-63) Lacan define o objeto 'a' como resto fundamental para manutenção do discurso no lugar do Outro. É justamente a partir da operação de extração do objeto como falta que podemos falar de um sujeito, \$, assim como de um Outro. Deste modo o objeto 'a' não é colocado nem no campo do sujeito, nem no campo do Outro, mas na interseção que aponta que o objeto falta a ambos. É essa falta mesma que possibilita a instalação de um laço (discursivo) com o Outro. Colocar o objeto no princípio do ato é colocar que a dimensão do ato emerge em questão com o discurso. Quando falta a falta, quando o objeto não se coloca como faltante entre o sujeito e o Outro, aparece a angústia que deixa o sujeito sem as marcas e o circuito que até então possibilitavam o discurso.

Introduzir o conceito de objeto 'a' em nossa discussão vai possibilitar colocarmos a diferenciação

que Lacan faz entre *Acting-out* e passagem ao ato, assim como articular ato e saber.

Na passagem ao ato o sujeito caminha para evadir todo encadeamento significante, toda representação possível. O sujeito se deixa cair da cena do Outro (esta na qual circulamos rodeados de significações) para o mundo, lugar onde o real se comprime. No momento do ato a ausência de substância do sujeito é experimentada de forma crua. Neste momento não há nem sujeito nem Outro. Em sua relação ao objeto 'a', o sujeito vem situar-se no próprio campo de interseção que mencionamos a pouco, em uma identificação maciça ao objeto e se deixa cair como resto, como nada. Se situar no campo da interseção é um modo de mostrar que neste momento não há campo de intermediação entre o sujeito e o Outro. O suicídio, para Lacan, é o paradigma da passagem ao ato.

Já no *Acting-out*, (conceito psicanalítico, nomeado a partir da feliz tradução de Strachey do termo freudiano *agieren*) o sujeito transforma a cena (do Outro) em palco para mostraçãõ de sua relação específica com algo que para ele é um pequeno 'a'. O *acting-out* clama por interpretação. Lacan designa *acting-out* transferência sem análise. Pensando em termos de nosso esquema (que são círculos de Euler), o campo da interseção entre o sujeito e o Outro se encontraria vazio; o objeto pequeno 'a' se encontraria no campo do sujeito, que o encena no apelo de um reestabelecimento da possibilidade discursiva. Existem também suicídios que são da ordem do *acting-out*, mas até por seu caráter de apelo ao Outro, trata-se de um ato falho. É uma forma alienada em relação ao próprio desejo de modo a convocar o Outro a responder sobre seu desejo. O caráter falho do ato suicida como *acting-out* se dá devido à sua dimensão significante, pois o significante não pode assegurar a verdade última do ato. Lembremos que uma vez no campo do significante seu sentido será construído sempre *à posteriori*, abrindo a possibilidade de entrever uma outra verdade. Retomando o exemplo que tomamos de Freud podemos agora dizer que o suicídio da Sra. Z, como ato, foi falho, pois, em primeiro plano, estaria sua alienação ao desejo de não olhar sem querer/querendo. Ou seja, podemos conjecturar que *übersehen* encontrou ressonância na relação de seu noivado atual com o anterior, um apelo

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

para que o noivado atual não fosse significado como superação do noivo morto na guerra.

Não é de hoje que sustentamos um ideal da ação que seria da ordem da deliberação do pensamento. Seria a ação calculada, conclusão de um raciocínio. Freud, ao postular o inconsciente, retira da consciência a exclusividade da deliberação. Não obstante, permanece a questão de uma suspensão temporal do pensamento. Mesmo no ato falho, em que um pensamento inconsciente emerge, sua questão temporal permanece suspensa, pois seu representante se encontraria como que em estado latente. Justamente neste ponto a clínica do ato nos trás algo novo, pois mostra a inscrição temporal inevitável do ato no que este sobrevém sob a forma da urgência. A temporalidade do ato está no corte que ele instaura, na novidade que ele inaugura. Em relação a isto Lacan nos diz que “uma dimensão comum do ato é a de não comportar, no seu instante, a presença do sujeito” (LACAN, 1967-68, 29/11/67). No instante do ato não temos a presença do sujeito, tampouco do Outro. Neste sentido, um ato é sempre ‘auto’.

A passagem ao ato destaca o abandono dos equívocos do pensamento, da fala, da linguagem. Em seu NÃO ao Outro o sujeito se subtrai não só dos equívocos da fala, da possibilidade de furo do simbólico como de toda dialética do reconhecimento. Assim, há uma antinomia entre pensamento e ato. No âmbito do pensamento o sujeito é essencialmente indeterminado: pensamento é dúvida! No instante do ato há o abandono da dúvida do pensamento pela certeza do ato! Ou seja, mesmo se houver eventuais preparos para um ato, estas elaborações em nada modificam a disposição estrutural que torna disjuntos ato e saber. Em seu instante o ato aniquila o saber. Na passagem ao ato temos uma recusa ao saber, como um não-querer-saber absoluto. Em última instância esse não-querer-saber é um não-querer-saber nada da impossibilidade do saber. Aqui vale a observação que o sujeito do ato analítico faz experiência, a seu modo particular, da impossibilidade do saber.

Para encerrar, creio que, como analistas, não podemos nos furtar à questão que se coloca de maneira premente no social, ou seja, a questão da prevenção do suicídio. Sabemos, ao menos desde a introdução por

Freud da pulsão de morte, que a ação do ser humano não visa o bem nem obedece ao princípio do prazer. Enquanto analistas, não querer o bem a seu paciente possibilita que este percorra os circuitos de seu desejo. Trata-se aí de um posicionamento ético necessário. Na passagem ao ato, porém, não é o desejo que está em jogo, mas sim a pulsão de morte em uma afirmação desesperada do gozo. Neste caso, não nos restaria outra posição que não a de humildade.

Por outro lado sabemos que há suicídios da ordem do *acting-out*, de um apelo ao Outro. Ocupar o lugar de analista, neste caso, tem efeitos! Com respeito a suas elaborações à passagem ao ato, vale lembrar que Lacan toma como exemplos dois casos clínicos de Freud nos quais temos, antecedendo a passagem ao ato, encenações da ordem do *acting out* (me refiro, naturalmente, à Dora e à Jovem Homossexual). Assim, concluo com uma citação de Freud de 1923: “Não se visa (com o tratamento analítico) especificamente à remoção dos sintomas da doença, contudo ela é conseguida, por assim dizer, como um subproduto, se a análise for corretamente efetuada. O analista respeita a individualidade do paciente e não procura remoldá-lo de acordo com suas próprias idéias pessoais, isto é, as do médico; contenta-se com evitar dar conselhos e, em vez disso, com despertar o poder de iniciativa do paciente” (FREUD, 1923, v XVIII, p.162).

Muito obrigado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, S. O suicídio – Henri Ey com Lacan In: www.bidvb.com
- CALAZANS, R. & BASTOS, A. passagem a ato e acting-out: duas respostas subjetivas. In: *Factal: Revista de Psicologia*, v. 22 – n. 2. P 245-256. Maio/ago. 2010
- FELDSTEIN, R; FINK, B; & JAANUS, M. (1995) Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FREUD, S. (1910) Breves escritos: Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In: Edição standard Brasileiro das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago (1976), v. XI.
- FREUD, S. Recordar, repetir, elaborar. In: Edição standard Brasileiro das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago (1976), v. XII.
- FREUD, S. (1917 [1915]) Luto e Melancolia. In: Edição standard Brasileiro das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago (1976), v. XIV.

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

FREUD, S. (1923) Dois verbetes de enciclopédia. In: Edição standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago (1976), v. XVIII.

FREUD, S. (1923) O Ego e o Id. In: Edição standard Brasileiro das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago (1976), v. XIX.

FREUD, S. (1924) O problema econômico do masoquismo. In: Edição standard Brasileiro das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago (1976), v. XIX

HARARI, R. (1997) O seminário 'a angústia' de Lacan: uma introdução. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

LACAN, J. (2003) Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar

LACAN, J. (2005) O Seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar

LACAN, J. (1998) O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

LINS, T. & RUDGE, A. M. (2012) Ingresso do conceito de Passagem ao ato na teoria psicanalítica. <http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-v/artigos-tematicos/passagem-ao-ato>.

MILLER, J. A. Jacques Lacan: observações sobre seu conceito de passagem ao ato. In: Opção Lacaniana Online nova série Ano 5. N. 13. Março 2014. ISSN 2177-2673

PINHEIRO GUIMARÃES, M. C. O estatuto renovado da passagem ao ato. In: Ágora (Rio de Janeiro) v XII jul/dez 2009 p 291-306

SILVA, L. M. A. & COUTO, F. L. A questão do suicídio: algumas possibilidades de discussão em Durkheim e na Psicanálise. In: Arquivos Brasileiro de Psicologia, v. 61, n. 3, 2009.